

MERETRIZES, DEGENERADAS E DECAÍDAS: CLASSIFICAÇÃO, CONTROLE E INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS PROSTITUTAS NO SÉCULO XIX

Heloísa Raquel da Silva (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Gessica de Brito Bueno (PIC), Christian Fausto Moraes dos Santos (Orientador), e-mail: ra104866@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

História das Ciências

Palavras-chave: Prostituição, higienismo, século XIX.

Resumo

A passagem para a Idade Contemporânea foi marcada, entre outras coisas, por uma revolução médica. É durante o final do século XVIII e todo o século XIX, que surgem diversas correntes, manuais e regulamentações que tem como foco analisar e promover a saúde física, social e moral das sociedades. Neste processo, o corpo feminino é uma personagem primordial enquanto auxílio ao projeto higienizador burguês. A prostituta, como transgressora do que foi considerado saudável para a mulher, foi alvo de diversos estudos e teve seu comportamento classificado, estigmatizado, normatizado e regulamentado. Junto a isso, tem-se, neste período, uma grande preocupação com as doenças venéreas que, desde o século XIV, assolavam a Europa e o mundo, causando milhões de vítimas. Através da transcrição e análise da fonte documental *Methodo de atalhar a propagação da Syphilis nas casas publicas de prostituição*, datada do ano de 1839 pretende-se, com este estudo, contextualizar o corpo da prostituta enquanto agente de dispersão de doenças físicas e morais.

Introdução

Este resumo expandido contempla os resultados das atividades realizadas no projeto de iniciação científica intitulado “Meretrizes, degeneradas e decaídas: classificação, controle e institucionalização das prostitutas no século XIX”. Neste período nos dedicamos à leitura da Fonte Documental manuscrita *Methodo de atalhar a propagação da Syphilis nas casas publicas de prostituição*, escrita em 1839 por um autor desconhecido, que se auto intitula como médico. Bem como a investigação bibliográfica sobre os preceitos médicos, legais, morais e de classificação do período, como forma de controle e regulamentação da prostituição em Portugal.

O manuscrito estudado foi uma resposta a um concurso realizado na primeira metade do século XIX, pela Academia Real das Ciências de Lisboa, em busca de uma solução para os altos níveis de contágio da sífilis no país. O médico que escreveu o manuscrito parte da perspectiva regulamentarista, ou seja, ele acredita na função positiva da prostituição, enquanto mantenedora da moral das moças de família e forma de alívio aos ímpetus masculinos. O meretrício, portanto, deve ser tolerado e regulamentado.

Materiais e métodos

Para compreendermos de que forma o corpo da mulher e, principalmente, o da meretriz, foi analisado, classificado e submetido a diversas regulamentações, utilizamos a fonte documental inédita *Methodo de atalhar a propagação da Syphilis nas casas publicas de prostituição, estabelecendo regras policiaes regulamentares em harmonia com os novos costumes, instituições, tendentes a melhorar a saude e a moral publica*, datada do ano de 1839. Esse manual foi produzido por um médico português como forma de, não somente alertar para a crescente dispersão da sífilis, mas também classificar a prostituição como a grande responsável pelos males sociais. Realizamos a transcrição do manuscrito e uma análise geral dos tópicos que o autor considera primordiais, como a classificação das prostitutas e, conseqüentemente, qual seu nível de inserção e periculosidade para a sociedade.

Resultados e Discussão

Até o século XVII, a visão a respeito do corpo e da sexualidade era resultado da combinação das normas de ordem social, o respeito pela religião e o crescimento demográfico. O corpo é o agente dos atos sexuais proibidos, ele protagoniza as dificuldades das imposições culturais e legislativas (Matthews-Grieco In Vigarello, 2008: 218). A cultura do período era categórica em tachar os indivíduos e principalmente seu comportamento como “permitido” ou “proibido”, a partir de critérios que variavam de acordo com a classe social, idade, normas médicas e, principalmente, o sexo. Havia uma grande complexidade entre o que era imposto e as experiências cotidianas, relacionadas a sexualidade (Matthews-Grieco In Vigarello, 2008: 219).

Ao final do século XVIII, já havia, na população, a convicção de que saúde e doença eram fenômenos de grande importância para os indivíduos, a comunidade e o corpo político (Rosen, 1994: 111). Neste contexto, a classe médica, aliada ao Estado, e persuadida pela mentalidade burguesa, passou a definir quais as formas de normatizar, higienizar e otimizar a vida e o trabalho da população, fazendo uso da ética, disciplina e propostas higiênicas cada vez mais arraigadas nos lares e estabelecimentos.

Uma crescente sociedade burguesa, munida de um grande senso de pudor, faz do corpo e da sexualidade assuntos evitados e até mesmo proibidos (Matthews-Grieco In Vigarello, 2008). A ascensão dessa burguesia vem

acompanhada de uma nova ferramenta de poder baseada na disciplina. Esse poder disciplinar se caracteriza por uma intervenção positiva, que gera transformação social.

O projeto normativo burguês se baseia na norma como um critério de qualificação e de correção ao mesmo tempo. Surgem estudos para determinar o conceito de “normalidade”. No caso, por exemplo, de averiguação da altura média de uma população, após medir uma quantidade determinada, o número que aparecer mais, proporcionalmente, torna-se a média, ou seja, aquilo que é considerado “normal”. Este raciocínio pode ser aplicado em diversos aspectos, sejam eles quantificáveis, como a altura, ou qualificáveis, como o comportamento moralmente aceito e dito “normal” (Miskolci, 2002/2003: 110).

Simultaneamente, através do fenômeno da medicalização dos hospitais, a medicina passa a exercer um papel fundamental no controle e administração dos corpos, interferindo no cotidiano. É ela quem vai definir as regras que vão orientar a vida moderna, não apenas no que diz respeito a doenças, mas também em vários aspectos da vida dos indivíduos, como a sexualidade, a fertilidade e outros. (Foucault, 1996). Diante da possibilidade de aprimorar a espécie humana, os valores higiênicos e valorização da força física eram primordiais (Nunes, 2011: 138).

Na tentativa de promover um crescimento populacional, visando aumentar seu poder militar e econômico, os soberanos absolutos se interessam pela saúde de seu povo (Faure In Corbin, 2008: 19). De agora em diante, o vocabulário e a forma de pensar médicos passavam a ser utilizados como forma de poder. O discurso médico se impunha de forma tão dominante e inquestionável, não apenas pelos esforços da medicina e do Estado em regular a população, mas pela própria sociedade, que estava obcecada, encantada e inquieta com o corpo e suas implicações (Faure In Corbin, 2008: 20). O caráter histórico das normas sexuais nos mostra como as ideias de sexualidade são fruto de uma construção social, evidenciando os pressupostos ideológicos que não se manifestavam claramente à afirmação do caráter pleno das mesmas (Almeida, 1995).

É através da medicina que o Estado passa a reger o comportamento adequado e aceito socialmente, a figura do médico ganha autoridade. Em meados do século XIX, os médicos eram descritos como os primeiros disseminadores do projeto de normalização do espaço social urbano (Engel, 1989: 39). A relação entre o visível e o invisível se altera. É o início da racionalidade científica que se impõe através da higiene pública, controle de nascimentos e demografia. A preocupação com a questão demográfica e a busca por um controle populacional são fatores estritamente ligados à medicalização do corpo feminino (Vieira, 2002).

O papel da mulher era decisivo para a supremacia burguesa. Seguindo as normas sociais, a medicina determinava que uma mulher saudável era a que vivia em matrimônio, tendo relações sexuais com finalidade reprodutiva. Sua

subjugação garantiria a dominação patriarcal e, consequentemente, a unificação familiar, o que seria legitimado pela negação da sexualidade feminina (Silva, 2007: 794).

O foco dado às mulheres e crianças tem relação com o que o Foucault descreve em *História da Sexualidade I* como “quatro grandes conjuntos estratégicos” que elaboram formas de saber e poder quando o assunto é sexo, são eles: a histerização do corpo feminino; a pedagogização do sexo da criança; a socialização dos modos de procriação; e a psiquiatrização e, consequentemente, a patologização do prazer classificado como perverso (Foucault, 1988: 98). Foucault descreve uma histerização do corpo da mulher como um dos dispositivos estratégicos de controle, processo pelo qual seu corpo foi analisado e tido como portador de uma sexualidade inata e incontrolável e, por isso, essencialmente doente (Foucault, 1988).

A falta de poder quando se trata de sexualidade, coloca as mulheres em posição de submissão aos pais, maridos e médicos, ao corpo da mulher associa-se uma missão passiva e materna (Rohden, 2001). A prostituta, ao subverter esta ordem e, de certo modo, retomar o controle de sua sexualidade, é vista como doente. Uma das funções dos médicos era evidenciar as consequências terríveis da prostituição. Consequências que afetariam a sociedade em geral, uma vez que esta prática desestimulava o trabalho e estimulava o vício e outros problemas morais (Nossa, 2010).

A sífilis era vista como doença que causava o enfraquecimento da força de trabalho. E é enquanto fonte e agente da propagação da sífilis que recai o peso maior do discurso sobre a prostituta (Engel, 1989: 75). Neste contexto, alegando a necessidade de impedir escândalos e a degeneração da família e da moral, as prostitutas eram obrigadas a viverem em áreas específicas. Junto a isso, havia no meio acadêmico do período, a visão da prostituição como ameaça à saúde física. No século XVIII, a suspeita de que a sífilis era uma doença “sexualmente transmissível”, teve grandes consequências sociais e morais.

A prostituição foi perseguida e ilegalizada, entra em cena o preservativo, feito com intestino de carneiro, mas raramente era usado (Veloso, 2001: 57). O poder religioso se impõe incentivando o casamento. O meretrício se configura então, como uma fatalidade e como uma válvula de escape, visto que é um mal necessário, que não deve ser eliminado, mas controlado. Válvula de escape, porque atende as exigências dos instintos masculinos e é, portanto, um escudo de proteção aos valores e padrões de comportamentos (Engel, 1989: 110).

Conclusões

Um grande foco do higienismo foi a regulação das prostitutas. É no início do século XIX que surgem as primeiras teses médicas tratando exclusivamente

sobre prostituição, o que, devido à grande religiosidade presente em todos os âmbitos da vida moderna, causava certo desconforto. Entretanto, apesar da repugnância contra a prostituição, era necessário estudá-la, para que fosse possível minimizar os seus “males” e controlá-la (Engel, 1989: 66). Segundo os médicos, a livre manifestação do desejo, que seria o excesso de prazer, sem finalidade reprodutiva, poderia causar a destruição do organismo. A prostituta, enquanto praticante de uma sexualidade pervertida, era instrumento da destruição da sociedade (Engel, 1989: 72). A única sexualidade saudável seria a matrimonial, visando a reprodução.

Para além disso, havia a preocupação em regular a prostituição enquanto dispersora de doenças venéreas, com foco para sífilis. Os higienistas a comparavam com outras doenças epidêmicas, porém, era vista como mais perigosa, já que se apresentava através do prazer e escondia sua verdadeira face, a morte (Engel, 1989: 75). Justamente por isso, os médicos do período a descreviam como enfraquecedora da força de trabalho e destruidora de gerações.

O projeto normatizador teve como característica a proposição de medidas de caráter policial e higiênico, que buscava identificar, classificar e até mesmo isolar as prostitutas de forma rígida, submetidas aos médicos higienistas. Os mecanismos de repressão se deram de forma médica, através da prevenção da sífilis e outras doenças e de forma moral (Pinto, 2009: 12). A repressão moral se deu através de medidas como a proibição de aparecer nas janelas ou portas.

É possível perceber, através da leitura bibliográfica, como a medicina se fez presente de forma incisiva no cotidiano urbano, através de medidas regulamentares, policiais e higiênicas que penetraram no imaginário popular da sociedade moderna. As prostitutas, neste contexto, foram classificadas, estigmatizadas e culpabilizadas por uma série de doenças venéreas e também, morais. A partir da fonte documental, nota-se os mais diversos meios de contenção e controle do corpo feminino, seja através de consultas obrigatórias e periódicas ou até mesmo de um rígido sistema de gestão urbana.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador Prof. Dr. Christian Fausto Moraes dos Santos por fornecer todo o suporte necessário à minha aprendizagem e desempenho neste projeto de pesquisa. Agradeço a todos os integrantes do LHC (Laboratório de História, Ciências e Ambiente) pela amizade e apoio ao longo destes meses. Agradeço também ao CNPq pela bolsa concedida e pelo incentivo ao desenvolvimento deste projeto de iniciação científica.

Referências

ALMEIDA, M. V. **Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade**. Lisboa: Fim de Século, 1995.

CORBIN, Alain. **Historia do Corpo: Da Revolução à Grande Guerra – Vol. II**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

ENGEL, M. **Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. 1ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, São Paulo, 1989.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.

GOULD, S. J. **A Falsa Medida do Homem**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MISKOLCI, Richard. Reflexões Sobre Normalidade e Desvio Social. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, Vol. 13, N.14, 109-126, 2002/2003.

NOSSA, Paulo. O discurso biomédico da defesa da saúde e a prática da prostituição: do movimento higienista à era pós-sida. In SILVA, Manual C.; RIBEIRO, Fernando B. **Mulheres da Vida, Mulheres com Vida: Prostituição, Estado e Políticas**. Porto: Ed. Húmus, 2010.

NUNES, Rossana. **Nas Sombras da Libertinagem: Francisco de Mello Franco (1757-1822) entre luzes e censura no mundo luso-brasileiro**. 2011. 160f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

PAPAVERO, Nelson; LLORENTE-BOUSQUETS, Jorge; ESPINOSA-ORGANISTA, David. **Historia de la biologia comparada: Volumen III. De Nicolás de Cusa a Francis Bacon**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1995.

PINTO, A. R. S. **“A PESTE DO MERETRÍCIO”: uma abordagem sobre o controle da prostituição em São Luís no início da República (1890-1920)**. Monografia, São Luís: 2009.

ROHDEN, Fabíola. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

ROSEN, G. **Uma História da Saúde Pública**. 2ª edição. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 1994.

SCHETTINI, Cristiana. **“Que tenhas teu corpo”: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

SILVA, Susana. **Classificar e silenciar: vigilância e controle institucionais sobre a prostituição feminina em Portugal.** *Análise Social, Portugal*, vol. XLII (184), 789-810, 2007.

SOUZA, J. Germano de. **Impacte social da sífilis: alguns aspectos históricos.** *Medicina Interna, Portugal*, Vol. 3, N. 3, 184-192, julho/setembro 1996.

VELOSO, Barros. **Da sífilis à sida.** *Medicina Interna, Lisboa*, Vol. 8, N. 1, 56-61, Janeiro/março 2001.

VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A medicalização do corpo feminino.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

VIGARELLO, Georges. **Historia do Corpo: Da Renascença às Luzes – Vol I.** Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

Esta deve ser a quarta e última página de seu resumo. **Não ultrapasse 4 páginas.** Caso contrário poderá ser solicitado que você o corrija. Fique atento!